

**O USO DA GÍRIA COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM EM
UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA: UMA ANÁLISE NO
FILME “TRASH – A ESPERANÇA VEM DO LIXO”**

Raquel França Freitas (UNIFSJ)

raquelfreitas@hotmail.com

Sonia Maria da Fonseca Souza (UENF)

sonifon1@hotmail.com

Vyviaan França Souza Gomes (UENF)

vyvi46@hotmail.com

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)

elinaff@gmail.com

Clodoaldo Sanches Fófano (UENF)

clodoaldosanches@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo demonstrar o uso da gíria como recurso de aprendizagem, através de uma abordagem sociolinguística. Para tornar possível esta pesquisa, o *corpus* teórico foi sustentado por Alkmin (2001), Camacho (2003) e Tarallo (1986). A apuração foi de base quantitativa, através de uma análise no filme “Trash: a esperança vem do lixo” (STEPHEN DALDRY, 2014), a fim de reconhecer as gírias presentes na obra cinematográfica e comprovar sua importância para a sociedade. A partir da pesquisa, constata-se que a gíria pode ser uma ferramenta eficaz para o ensino de línguas. Dessa forma, pretende-se demonstrar o papel da gíria no ensino, em especial, na Língua Inglesa.

Palavras-chave:

Gírias. Ensino. Língua Inglesa.

1. Introdução

Levando-se em consideração as possíveis variações com as quais a língua pode operar na sociedade, buscamos desenvolver um estudo acerca da importância da gíria no processo de aprendizagem de língua, em especial de língua inglesa, e suas possibilidades para um avanço no processo de ensino/aprendizagem e adequação linguística à situação comunicativa. Sabe-se que a gíria é uma linguagem de caráter popular, criada e usada por determinados grupos sociais ou profissionais. Criadas para substituir termos ou conceitos oficiais (usados tradicionalmente). Algumas gírias são próprias de uma determinada época e muitas vezes caem em desuso. Contudo, por se-

rem tão utilizadas por grande parte da população de um país, acabam sendo incorporadas ao vocabulário oficial, fazendo parte até dos dicionários. De certa forma, todos os grupos sociais possuem uma quantidade de palavras ou expressões que usam em seu ambiente. Portanto, acredita-se que a variante gíria, por ser um elemento muito recorrente nos estudos da Sociolinguística, possa transformar-se em recurso para o trabalho de ensino de língua, somada ao ensino da variante padrão e à orientação de uso de acordo com a situação sociocomunicativa, problematizado na seguinte questão:

Qual a importância das gírias no processo de aprendizagem de língua, em especial, de língua inglesa?

A partir desse questionamento, traçou-se este objetivo geral: Abordar a importância das gírias no processo de aprendizagem de língua, especialmente de Língua Inglesa. A partir desse intento, alguns objetivos específicos se tornam relevantes, como: traçar breves considerações sobre a Sociolinguística; analisar as variações linguísticas no âmbito do vocabulário gírio, em uma abordagem sociolinguística; compreender como se dá o uso da gíria e o ensino de línguas; analisar o filme “Trash: a esperança vem do lixo” de Stephen Daldry (2014).

A linha metodológica deste trabalho é de base bibliográfica. Dentre os autores que fundamentaram esta pesquisa, destacaram-se Alkmin (2001), Camacho (2003) e Tarallo (1986).

A justificativa deste trabalho reside no fato de a gíria ser uma linguagem de caráter popular, social e por estar amplamente presente na língua e, conseqüente e inevitavelmente na vida das pessoas e em especial nos aprendizes de língua inglesa.

O desenvolvimento deste trabalho se inicia com breves considerações sobre a sociolinguística, apontando seu conceito e sua importância. Na seqüência, discorre-se sobre as variações linguísticas, especificamente acerca da variação sociocultural. Posteriormente, demonstra acerca da gíria e seu impacto no ensino de línguas, com um olhar mais minucioso na Língua Inglesa. Seguindo o trabalho, uma análise no filme “Trash: a esperança vem do lixo”, de Stephen Daldry (2014), que contempla o uso das gírias, fortalecendo assim sua importância para a sociedade.

Por fim, as considerações finais que comentamos sobre os objetivos alcançados, declarando a importância do ensino de gírias no âmbito escolar, apontando-a como uma ferramenta eficaz de ensino.

2. Breves considerações sobre a Sociolinguística

A Sociolinguística entende-se por estudar as ligações presentes entre sociedade e linguagem e a forma de como ela é usada em diferentes circunstâncias sociais. Esse fenômeno retrata a realidade do discurso humano e como essa fala pode caracterizar o sexo, a idade, e a classe social do enunciador. Dessa forma, a Sociolinguística se firma no estudo para comparar a variedade de dialetos presentes nas diferentes regiões até a forma como o falante se mostra para a sociedade. Para os estudiosos dessa área, os sociolinguistas, usualmente, haverá diferentes formas linguísticas nas comunidades de fala,

Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. A essas formas em variação dá-se o nome de variantes. Variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística. (TARALLO, 1997, p. 8)

O discurso acima é alicerçado em convivências cultural e social, observamos então, que essa diferença linguística existente no país, faz com que o ensino de língua portuguesa também seja diferenciado. Quando a Sociolinguística é aplicada nas aulas de português, notamos que a diferença é mais expressiva, pois reflete no convívio social, a forma como cada grupo se diferencia do outro. Seguindo Calvet (2002, p. 140), a Sociolinguística [...] elucidar as diferentes convicções e os diferentes comportamentos no que se refere à língua de grupos inteiros ou de classes inteiras da sociedade.

Mollica (2003, p. 9) salienta que a Sociolinguística é “uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”. A autora diz que “a Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente”; ademais, ela evidencia que a variação linguística pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes e que essas variantes são “diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente” (MOLLICA, 2003, p. 11).

Nesse sentido, em relação às gírias, vale mencionar que, para Labov (2008), há uma dificuldade bem marcante em se determinar o que é um grupo sociolinguístico, ou seja, estabelecer o que constitui de fato uma co-

munidade de fala. O linguista destaca também que o termo comunidade de fala não é aplicado a um grupo de falantes em que todos fazem uso das mesmas formas, mas sim, a um grupo que segue as mesmas normas relativas ao uso da língua.

Isto posto, para se conseguir uma compreensão melhor do conceito de gírias e de seu uso pelos falantes, as noções de dialeto e de variação devem ser observadas também. Conforme de Monteiro (2000, p. 46), dialeto é “uma variedade subordinada a uma dada língua, que assim seria entendida como a soma de vários dialetos”; não obstante, o autor ressalta que “delimitar, determinar, definir uma comunidade de falantes e seu dialeto não é tão simples, já que corre-se o risco de considerar muito mais os fatores sociais que os linguísticos”.

3. As variações linguísticas

As variações linguísticas, segundo Murrie, (2004, p. 15), “[...] é a seiva que mantém a língua viva e de que é impossível impedi-la, por mais que tente fossilizar a língua, ditando regras a serem seguidas, ela sempre surpreende com sua diversidade”. Toda variedade linguística obedece às necessidades dos falantes que fazem seu uso. E a partir do momento, em que essas necessidades não atendem mais aos seus falantes, será necessário se adequar. Afinal, nenhuma língua é falada do mesmo jeito. Inclusive a Língua Portuguesa, heterogênea e cheia de dialetos.

As línguas são vivas, por isso, sofre mudanças a todo tempo. Evoluem, se transformam, mas não envelhecem, apenas adquirem novos significados dentro de uma comunidade social.

Para Bentes e Mussalim (2005, p. 60) a diversidade linguística não se restringe a determinações motivadas por origem sociocultural e geográfica. Um mesmo indivíduo pode alterar entre diferentes formas linguísticas de acordo com a variação das circunstâncias que cercam a interação verbal, incluindo-se o contexto social, propriamente dito, o assunto tratado, a identidade social do interlocutor etc.

Nessa circunstância, observamos que a variação linguística está além dos nossos olhos, pois até mesmo o falante pode ser um praticante da variação linguística. Um indivíduo letrado pode se adaptar ao seu contexto social. Por exemplo, um professor universitário que é formado, ao se dirigir aos

seus alunos, deve fazer o uso da linguagem formal. Porém, quando o contexto for uma conversa entre amigos, o enunciador pode fazer o uso da linguagem informal. Além disso, nem tudo que se fala se escreva, como também nem tudo que se escreva se fala. A linguagem oral, por exemplo, é usada sem a preocupação com a formalidade, e esporadicamente serão utilizadas em um texto, porque “nesse caso, o falante não está preocupado com o que é “certo” ou “errado” segundo as regras ditadas pela comunidade” (Terra, 2008, p. 84). Enquanto na escrita acontece o contrário, há preocupação. Pois é necessário planejamento, elaboração e precisa ser completa. Outrora, há também muitas palavras escritas que não são utilizadas em nossa rotina.

A língua é uma manifestação da prática social, e se perpetua em todos os contextos sociais existentes. Documentadamente ela manifestou-se muito antes da escrita (MARSCUSCHI, 2007). Outro fator a ser analisado é a criança, que primeiramente aprende a falar, para depois escrever.

Segundo Koch (2007), a escrita também é um meio que demonstra algumas peculiaridades, visto que ela é completa, planejada, preparada, prevalece em frases mais complicadas e abundante subordinação. Vale ressaltar que ela é mais prestigiada pelas classes dominantes, já que quem não a conhece, é considerado um inculto e ignorante. É nesse momento que a língua se torna um propagador de exclusão.

Sabemos que mesmo com toda esta pressão que a língua padece em consequência da gramática, o que prevalece são as variações da língua, e essa deve ser valorizada e bem recebida por todos os falantes.

4. A gíria e o ensino de línguas

A gíria é tão antiga quanto o ato de falar. É uma linguagem vibrante, excitante, engenhosa, ofensiva, pitoresca, cômica e divertida. Ela faz parte da linguagem do cinema, da televisão, do rádio, dos livros, dos jornais, das revistas e de toda a conversa informal do dia a dia.

Para Preti (1984), o aparecimento da gíria como um fenômeno restrito é consequência da dinâmica social e linguística concernente às línguas. O autor ressalta também que ela é caracterizada como um vocabulário especial, sendo classificada como um signo de grupo, a princípio secreto, de domínio exclusivo de uma comunidade social restrita. O linguista salienta

ainda que, quanto maior for o sentimento de união que une os membros do pequeno grupo, tanto mais a linguagem gíria contribuirá como elemento identificador, diferenciando o falante na sociedade e servindo como meio ideal de comunicação, além de forma de autoafirmação.

Preti (2006) menciona que

[...] quando se trata da história da gíria, conhecê-la significa penetrar no mundo da marginalidade, na vida dos grupos excluídos da sociedade pela sua própria condição de pobreza ou pelas suas atividades peculiares (não raro ilícitas), os quais buscam com a criação de um vocabulário criptológico uma forma de defesa de suas comunidades restritas. Mas, por outro lado, historicamente, são os mesmos motivos de preservação e segurança que fizeram com que comerciantes ambulantes, mascates, na Idade Média, criassem seus próprios códigos secretos de identificação. E essa gíria da marginalidade e do comércio se mistura também à de um povo surgido na Índia, historicamente discriminado, os ciganos, que, com sua vida nômade, espalharam seu vocabulário em várias áreas da Europa e, posteriormente, da América. (PRETI, 2006, p. 242)

Preti (2006, p. 248) destaca ainda que “a gíria se incorporou a algumas variedades de registros e dialetos sociais, podendo-se, hoje, à luz das teorias, justificá-la plenamente, até na conversação e nos escritos de falantes cultos”. Desse modo, nota-se uma espécie de “redimensionamento” do conceito de gírias, de seu uso e de sua aceitação. Para Preti (2006),

[...] sua crescente aceitação dentro da cultura de massa e seu ingresso na norma linguística da mídia, nos casos de vocábulos que já perderam sua significação secreta de grupo, misturando-se à linguagem comum, favoreceu decisivamente a atenuação do preconceito”. (PRETI, 2006, p. 248)

Até recentemente, a língua escrita servia de base para o inglês oficial, padrão. Hoje em dia a língua inglesa falada está adquirindo cada vez mais importância e influência. Mudanças radicais na sociedade moderna transformaram o uso da língua inglesa, e a gíria e as expressões informais agora são aceitas como parte integral e natural do inglês atual. A língua inglesa está em contínua evolução, e é principalmente na área de vocabulário que as mudanças estão mais evidentes, daí o fato de o vocabulário oferecer dificuldade maior para quem está estudando inglês.

Mister se faz destacar que a língua é o ponto central para interação professor e aluno, partindo dessa interação se consiste a linguagem que irá produzir variações presentes no contexto de sala de aula, a variação se dará principalmente na utilização da gíria.

Por conseguinte, a gíria não necessita ser ensinada, contudo pode ser objeto de estudo e reflexão; podendo ser um produto da interação que gera informalidade diante situações simples e presentes em nossa sociedade. No universo da sala de aula a gíria também pode ser utilizada para despertar a atenção dos alunos, integrando-os de forma com que o aluno se sinta envolvido no discurso do professor.

É importante ressaltar que a diferença entre os falantes fluentes e os não-fluentes é justamente o conhecimento amplo e o uso correto da gíria e das expressões coloquiais. Gíria é importante porque dá poderes ao falante da língua, amplia e enriquece suas habilidades e lhe dá a confiança de fazer uma comunicação fluente e eficaz.

Com relação ao ensino de inglês como língua estrangeira tem apresentado uma deficiência comunicativa, já que as aulas não preparam o aluno para situação real de uso da língua (ENKENT, 1986; BIERMAN, 2008; BURKE, 2011). Sabe-se que os alunos têm dificuldade em agir em contextos informais, por exemplo, já que essa variedade não é trabalhada em sala de aula (ENKENT, 1986; BIERMAN, 2008).

Ademais, vale mencionar que o inglês que tem sido ensinado nas salas de aula é bem diferente do falado nas ruas (ANDROUTSOPOULOS, 2003). Os estudos destacam que existe um foco maior no ensino da variedade padrão, o que resulta em aulas reducionistas de gramática normativa da língua e imposição da cultura de prestígio (CAMACHO, 2001), desprezando toda a dimensão que a língua tem, incluindo todas as variedades linguísticas.

É necessário ensinar o inglês em contextos sociais e não apenas o formal, dessa forma o ensino de língua precisa abordar essas diferentes variedades para que o aluno possa fazer uso da língua de forma efetiva em diferentes contextos reais.

Bierman (2008) ressalta que o ensino de gírias acontece quando elas aparecem em música ou filme, dando-se por meio de apontamentos e tradução. Nesse sentido, elas são mais interessantes de se aprender do que úteis na aula e ressalta ainda, que outros aspectos linguísticos são considerados como mais importantes do que a linguagem coloquial. A forma “correta” ainda é o ponto principal das aulas de língua. Por sua condição mutável, a gíria é difícil de dominar e os professores não se sentem preparados para ensiná-la.

Por conseguinte, a gíria por ser uma variação linguística, o uso dela vai depender da condição em que ela será empregada. O professor poderá utilizar desse recurso, em sala de aula, de várias maneiras e quando for necessário. Ela poderá ser usada tanto para facilitar o entendimento de determinado assunto quanto para chamar atenção. Esse recurso é utilizado para que haja interação entre professor e aluno, sem que interfira o seu entendimento.

Além disso, sabe-se que o professor dispõe do conhecimento da língua em sua norma culta, assim ele consegue fazer uso das gírias sem vulgarizar a língua, estabelecendo o real entendimento por parte do aluno, sem que este se perca no discurso do professor, quando esse se coloca em condições de apropriação da fala.

Para Travaglia (2003, p. 24), a educação linguística deve ser entendida como o conjunto de atividades de ensino/aprendizagem, formais ou informais, que conduzem uma pessoa a compreender o maior número de recursos da sua língua e a ser capaz de usar tais recursos de modo apropriado para produzir textos a serem utilizados em casos específicos de interação comunicativa e para produzir efeito(s) de sentido pretendido(s).

Enfim, hoje em dia, constata-se cada vez mais a importância da gíria. Ademais, as pessoas começaram a compreender o papel fundamental que ela tem no dia a dia. O poeta americano Carl Sandburg diz que “A gíria é a linguagem que arregança as mangas e põe mãos à obra”. Atualmente, vemos a gíria pôr mãos à obra em todo o mundo anglófono, uma vez que as variedades regionais do inglês vão depressa desenvolvendo suas próprias subvariedades. Em nossa época, a gíria precisa ser vista de uma perspectiva global (SCHOLES, 2004).

5. Análise linguística do filme “Trash”

O filme analisado foi “*Trash – a esperança vem do lixo*”, já que o longa trata de um cotidiano envolvido com gírias. *Trash – A Esperança Vem do Lixo* narra a história de Gardo, Raphael e Rato, três garotos que vivem em um grande lixão do Rio de Janeiro. A história se inicia com José Ângelo, personagem de Wagner Moura que durante uma perseguição policial joga sua carteira na caçamba de um caminhão de lixo. No lixão, Raphael, um dos três adolescentes protagonistas, encontra a carteira valiosa com informações que provocam uma verdadeira caça ao tesouro, envolven-

do política, corrupção e esperança. Nessa busca pelas informações encontradas na carteira, o trio passa por inúmeras adversidades.

Embora tenha sido feito por diretor e roteirista ingleses, o filme apresenta uma grande identidade tupiniquim. Podemos comprovar isso, através dos diálogos cheios de gírias e expressões tão próximas com o ambiente retratado.

Buscando, então, investigar o uso do vocabulário gírio presente no filme, nosso trabalho visa analisar os significados, motivações e contextos em que essas palavras foram utilizadas. No filme, a gíria ocupa um lugar de destaque, muito utilizada pelos personagens principais do filme, gírias pertencentes ao grupo dos meninos. Vale enfatizar que, além das gírias, há muitas ocorrências de palavras de baixo calão.

A gíria, que consideramos a principal, analisada está presente no próprio título do filme, observamos que “trash” foi usado para se referir ao principal cenário na obra, um lixão. O vocábulo *trashé* oriundo da Língua Inglesa, segundo o dicionário Cambridge (2018), a tradução formal é lixo, fazendo assim uma ligação com o trabalho dos protagonistas. Analisamos assim, que a escolha do título foi intencional para relacionar com a vida dificultada que os meninos levam e com o vocabulário usado por eles. O filme traduzido para a Língua Inglesa tem como título apenas “*Trash*”, circunstância muito comum pelos ingleses com títulos curtos e provocadores de curiosidade. Porém, quando transcrito para a Língua Portuguesa, acrescentou-se “a esperança vem do lixo”, para enfatizar que a esperança eram os meninos que moravam no lixão, e que seriam eles os responsáveis de encerrar aquele ciclo de corrupção e propagar o bem, mesmo com tantas dificuldades.

Observamos que três gírias apareceram com mais frequência, devido a isso, as destacaremos. Tomaremos como base as gírias “*dude*”, “*yas*” e “*daftcow*”. Além disso, analisamos que o filme exibido em Português, também apresenta muitas gírias usadas por falantes que vivem em periferias por jovens.

A primeira gíria é “*dude*”, que ao ser traduzida para nossa língua materna, também temos uma gíria correspondente, pois seu significado é “cara”. Essa palavra foi mais utilizada no discurso direto como vocativo, ou seja, para evocar o interlocutor. Todas usadas de maneira informal.

A segunda gíria é “*yas*”, e significa na língua portuguesa (LP)

“sim”. Essa gíria foi usada a fim de comemorar ou concordar com algo dito. Algo interessante sobre essa gíria, é que muitos falantes brasileiros fazem o uso dessa gíria frequentemente na internet, com o mesmo contexto usado pelos atores do filme.

A terceira gíria é “*daftcow*”, e tem sentido de “idiota”, isto é, pessoa que carece de inteligência, tolo, ignorante. Esse linguajar foi usado num contexto de informalidade e insatisfação dos enunciadore, na medida que eles queriam se referir ao outro locutor como se eles estivessem fazendo algo de errado. Apesar de ser uma gíria pejorativa, é muito empregada por falantes de Língua Inglesa, e está entre as gírias mais faladas.

Diante de todo o estudo, percebemos que as gírias não atrapalharam na compreensão do filme, pelo contrário, trouxe mais identidade para os personagens. Elas fizeram com que os telespectadores entendessem melhor o contexto do filme. Dessa forma, captamos que as gírias podem e devem se adequar aos filmes, em razão de que eles devem retratar a realidade, o cotidiano, e nada mais real e presente nas nossas vidas do que as gírias.

6. Considerações finais

Após realizar o trabalho, depois de inúmeras pesquisas, podemos entender que todas as expressões que fazem parte do cotidiano de um grupo, de um povo, de uma determinada região ou de um grupo social consistem em algo importante para a cultura, nos estilos destes indivíduos que as assimilam pouco a pouco durante sua vida, constituindo falares bem peculiares aos grupos dos quais façam parte. Além disso, podemos afirmar que reconhecer que o cinema pode ser rico de conteúdos, percebemos que o filme pode ser uma ferramenta de ensino e aprendizagem, assim como as gírias.

Sendo assim, sugerimos que o filme seja um recurso didático eficiente, pois assim o professor poderá chamar atenção dos seus educandos para a realidade vivida por eles, e assim, promover visões críticas do mundo a fim de favorecer a desejada formação cidadã, mesmo que isso perpassasse a rotulada educação tradicional e vise mais a veracidade da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDROUTSOPOULOS, Jannis. *Non-native English and sub-cultural*

identities in media discourse. Oslo: Novus, 2003.

BENTES, Anna; MUSSALIM, Fernanda. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v. 1, 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

BIERMAN, Rebecca. *The Place of Informal Language in the Middle- and High-School Foreign Language Classroom*. (Senior Thesis for de degree of Bachelor of Arts for the Independent Scholar Program at Middlebury College), 2008.

BURKE, David. *Without Slang and Idioms, Students are in the Dark*. Disponível em <https://edoc.site/without-slang-and-idioms-pdf-free.html>. Acesso em 28 out. 2018.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*: Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F. BENTES, A.C. *Introdução à linguística: domínio e fronteiras*. São Paulo. Cortez, 2001.

CAMBRIDGE DICTIONARY. Disponível em <https://dictionary.cambridge.org/pt/>. Acesso 28 out 2018.

ENKENT, Lucia Pietrusiak. Real People Don't Talk Like Books: Teaching Colloquial English. In: *Tesl Canada journal/revue TESL du Canada*, special issue 1, november 1986.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2007.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da Fala para a Escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2007.

MOLLICA, Maria Cecilha. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. (Orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9-14.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: Edusp, 1984.

_____. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In: PRETI, D. (Org.) *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, v. 4, p. 241-255, 2006.

SCHOLES, Jack. *Slang – Gírias Atuais do Inglês*. São Paulo: Disal, 2004.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1997. 96 pp

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática ensino plural*. 5. ed.. São Paulo: Cortez, 2011.

TERRA, Ernani. *Linguagem, língua e fala*. São Paulo: Scipione, 2008.